



**PKS**

PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

REVISTA DE  
**GEOGRAFIA**

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

**OJS**

OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

## A AGRICULTURA URBANA EM PORTO FERREIRA - SP: O QUE É? COMO É? E PARA QUEM É?

Alan da Silva Vinhaes<sup>1</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3072-2050>

Antonio Nivaldo Hespanhol<sup>2</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5080-0223>

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, SP, Brasil\*

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, SP, Brasil.\*\*

*Artigo recebido em 10/03/2022 e aceito em 14/05/2022*

### RESUMO

A agricultura urbana está integrada ao ecossistema urbano, tem caráter multifuncional e propicia bons resultados ambientais, sociais e econômicos. Atualmente, a agricultura urbana está ganhando destaque nos cenários brasileiro e mundial, sendo importante compreender as iniciativas e demandas existentes para que políticas públicas adequadas possam ser implementadas. Nesse sentido, o objetivo principal do artigo é compreender e analisar as práticas da agricultura urbana em Porto Ferreira/SP. Para a consecução do objetivo da investigação, foram realizadas pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, com aplicação de formulário a agricultores urbanos a fim de compreender o papel e o perfil dos atores pesquisados, além de entrevistas com feirantes, comerciantes de mudas e autoridades municipais. Concluiu-se que, no caso de Porto Ferreira, as hortas urbanas promovem a inclusão social de pessoas de baixa renda, desempregados, idosos e mulheres, pois, no universo de 60 agricultores urbanos pesquisados, 55 destinam o que produzem ao autoconsumo e/ou a vendas nos próprios locais de produção, enquanto dois comercializam seus produtos na feira livre da cidade e três, diretamente a supermercados. Ficou demonstrado, igualmente, a necessidade de fomentar e reconhecer o potencial das hortas urbanas como ferramenta para geração de renda complementar, interação social dos agricultores urbanos envolvidos e, principalmente, o resgate cultural da produção de alimentos para consumo próprio.

**Palavras-chave:** Agricultura urbana; políticas públicas; inclusão social; hortas urbanas; Porto Ferreira.

\* Doutorando em Geografia pela UNESP. E-mail: [asvinhaes2013@gmail.com](mailto:asvinhaes2013@gmail.com)

\*\* Professor assistente doutor - ms3 da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária, principalmente nos seguintes temas: políticas públicas e complexo agroindustrial. E-mail: [nhespanhol@gmail.com](mailto:nhespanhol@gmail.com)

## **URBAN AGRICULTURE IN PORTO FERREIRA, SÃO PAULO: WHAT IS IT? HOW IS IT? AND WHO IS IT FOR?**

### **ABSTRACT**

Urban agriculture is integrated into the urban ecosystem, featuring a multifunctional character and providing good environmental, social and economic results. Currently, urban agriculture is gaining prominence in the Brazilian and global scenarios, and it is important to understand the existing initiatives and demands in order to enable the implementation of adequate public policies. In this sense, the main purpose of this article is to understand and analyze the practices of urban agriculture in Porto Ferreira, in the Brazilian State of (SP). In order to achieve the purpose of the investigation, bibliographic research and field work were carried out, with application of a form to urban farmers, with the aim of understanding the role and profile of the stakeholders surveyed, as well as interviews with market vendors, seedling traders, and municipal authorities. It was concluded that, in the case of Porto Ferreira, urban gardens promote the social inclusion of low-income people, the unemployed, the elderly, and women, since, in the universe of 60 urban farmers surveyed, 55 allocate what they produce to self-consumption and/or sales at the production sites themselves, while two sell their produce at the city's open market and three directly to supermarkets. The study also demonstrated the need to promote and recognize the potential of urban gardens as a tool for generating additional income, social interaction of the urban farmers involved and, mainly, the cultural rescue of food production for their own consumption.

**Keywords:** Urban agriculture; public policy; social inclusion; urban gardens; Porto Ferreira.

## **LA AGRICULTURA URBANA EN PORTO FERREIRA - SP: ¿QUÉ ES? ¿CÓMO ES? ¿Y PARA QUIÉN ES?**

### **RESUMEN**

La agricultura urbana está integrada al ecosistema urbano, tiene carácter multifuncional y propicia buenos resultados ambientales, sociales y económicos. Actualmente, la agricultura urbana está ganando destaque en los escenarios brasileño y mundial, siendo importante comprender las iniciativas y demandas existentes para que políticas públicas adecuadas puedan ser implementadas. En este sentido, el objetivo principal del artículo es comprender y analizar las prácticas de la agricultura urbana en Porto Ferreira/SP. Para la consecución del objetivo de la encuesta, fueron realizadas búsqueda bibliográfica, trabajo de campo, con aplicación de formulario a agricultores urbanos a fin de comprender el papel y el perfil de los actores encuestados, además de entrevistas con feriantes, comerciantes de plantas y autoridades municipales. Se concluye que, en el caso de Porto Ferreira, las huertas urbanas promueven la inclusión social de personas de baja renta, desempleados, ancianos y mujeres, pues, en el universo de 60 agricultores urbanos encuestados, 55 destinan lo que producen al autoconsumo y/o a ventas en los propios locales de producción, mientras dos comercializan sus productos en la feria libre de la ciudad y tres, directamente a supermercados. Quedó demostrado, igualmente, la necesidad de fomentar y reconocer el potencial de las huertas urbanas como herramienta para la generación de renta complementaria, interacción social de los agricultores urbanos involucrados y, principalmente, el rescate cultural de la producción de alimentos para consumo propio.

**Palabras-clave:** Agricultura urbana; políticas públicas; inclusión social; huertas urbanas; Porto Ferreira.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo deriva da pesquisa de mestrado realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente. Tem como objetivo principal analisar e compreender as características da agricultura urbana em Porto Ferreira, no estado de São Paulo.

Para a consecução dos objetivos da investigação foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e análise da bibliografia que trata dos temas relacionados à agricultura urbana, com base no estudo de referências teóricas já publicadas em meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*; levantamento do processo de ocupação do município de Porto Ferreira, fundamentado nos trabalhos de Oliveira (2005) e Teixeira (2009); pesquisa de campo com 60 agricultores urbanos, a fim de entender as “características do sistema de produção e dos agricultores, o seu grau de inserção no sistema de gestão do espaço urbano e às políticas públicas de fomento às atividades existentes” (Covarrubias, 2011, p. 65).

Foram realizadas também entrevistas com o presidente da Câmara dos Vereadores do município e o secretário da Seção de Agricultura, vinculada à Divisão do Meio Ambiente, com o intuito de conhecer a atuação do poder público municipal no apoio à agricultura urbana; com proprietários de dois viveiros de mudas (Alternativa Viveiros e Terra Tropical), com o objetivo de levantar dados sobre a produção e a comercialização de mudas, tanto no município quanto na região de Porto Ferreira; com os gerentes de dois supermercados de Porto Ferreira (Serv Bem e Pag Menos) que adquirem produtos dos agricultores urbanos; e com feirantes.

O texto se divide em duas seções, além da introdução, das considerações finais e das referências. A primeira trata da agricultura urbana e de sua conceituação, sob o ponto de vista de diferentes autores, e a segunda, do processo de formação do município de Porto Ferreira e do papel que a agricultura urbana vem desempenhando nessa cidade.

## **AGRICULTURA URBANA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES**

Para compreender a prática da agricultura urbana, é importante inicialmente conceituá-la, analisar sua distribuição no tecido urbano, bem como suas dinâmicas nas cidades, de forma que assim se possa considerar e identificar quem são os agentes, ou seja, quem são os agricultores urbanos e que canais de comercialização utilizam, que articulações mantêm com as empresas

produtoras de mudas e com as fornecedoras de insumos e como se dá a atuação da administração pública municipal em apoio à atividade.

Segundo Ferreira e Castilho (2007, p. 7), a “agricultura urbana com suas engrenagens permite a realização de fluxos que mostram, também, intensas relações entre o espaço rural e a cidade, uma vez que a cidade não deixa de ser um lugar que, embora pareça o mesmo, assume funções diferentes a cada vez que as situações mudam”. Complementando, os autores acrescentam:

Nesse sentido, a cidade refletindo a sociedade, como diz George (1993), torna-se o lugar onde o homem utiliza-se das inúmeras disponibilidades espaciais nela existentes para desenvolver-se economicamente. Nesse processo, a agricultura urbana também tem desempenhado papel fundamental, acontecendo no espaço urbano e trazendo consigo não apenas a prática do cultivo *per se*, como também um conjunto de fatores sociais, econômicos e ambientais. Esta “nova” atividade, então, assume características do modo de vida urbano, constituindo aí novos lugares, assumindo diversas interpretações quanto ao seu conceito (FERREIRA e CASTILHO, p. 7-8, 2007).

A agricultura urbana, com potencial para desempenhar um importante papel na diversificação e no fortalecimento de estratégias de planejamento e administração das cidades, pode ser definida também como:

[...] the production of agricultural goods by urban residents, according to the official definition of the urban space utilized by the surveys we work with. Our definition is eminently driven by the definition of rurality adopted by national governments and reflected in our dataset, and we do not deal with the conceptual definitional issues (ZEZZA; TASCIOTTI, 2010, p. 266).

Ampliando o debate, Rosa (2011, p.3-4) afirma que a “definição de agricultura urbana perpassa uma variedade de categorias de análise que buscam a diferenciação do conceito, a fim de que aquela se torne um objeto de investigação distinto da agricultura praticada no meio rural, bem como objeto de políticas públicas específicas”. A definição prevalecente hoje, segundo o autor, é a formulada por Mougeot (2000), que “se posiciona pela evolução do termo baseado tanto na sua funcionalidade externa quanto na coerência interna, alertando para o cuidado que se tem que ter com a popularização do uso do termo, pois pode deixar de se consolidar como uma ferramenta útil” (Rosa (2011, p. 3-4).

Retomando, então, Mougeot (2000, p. 5), a agricultura urbana se define como

[...] a praticada dentro (intra-urbana) ou na periferia (periurbana) dos centros urbanos (sejam eles pequenas localidades, cidades ou até megalópoles), onde cultiva, produz, cria, processa e distribui uma variedade de produtos alimentícios e não alimentícios, (re) utiliza largamente os recursos humanos e materiais e os produtos e serviços encontrados dentro e em torno da área urbana, e, por sua vez, oferece recursos humanos e materiais, produtos e serviços para essa mesma área urbana.

Assim, como apontam Wandscheer e Medeiros (2015, p. 303), para “além das compreensões de urbano e rural, muitas cidades têm apresentado a característica de estruturar iniciativas e inovações ou ainda preservar no núcleo urbano porções produtivas”.

A *United Nations Development Programme* (UNDP) destaca a relevância da agricultura urbana, tendo em vista que ela contribui “significantly to the socio-economic development of towns and cities throughout the world. In several economies, particularly developing ones, it is one of the largest urban productive industries. In low-income cities, it is a prime generator of jobs” (UNDP, 1996, p. 3-4).

Arruda *et al.* (2011), destacam que a agricultura urbana contemporânea tem mesmo se destacado no cenário mundial e assumido papel relevante nos métodos de desenvolvimento sustentável dos indivíduos e do ambiente. “Neste sentido pode ser considerada como parte integral da gestão urbana, sendo uma ferramenta para a diminuição da pobreza, por meio da geração de renda e empregos e também uma forma de trabalhar com o manejo ambiental” (ARRUDA *et al.*, 2011, p. 51-52).

A agricultura urbana, portanto, é um conceito

[...] multidimensional que inclui a produção, a transformação e a prestação de serviços, de forma segura, para gerar produtos agrícolas (hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais, cultivados ou advindos do agroextrativismo, etc.) e pecuários (animais de pequeno, médio e grande porte) voltados ao auto consumo, trocas e doações ou comercialização, (re)aproveitando-se, de forma eficiente e sustentável, os recursos e insumos locais (solo, água, resíduos, mão-de-obra, saberes etc.). Essas atividades podem ser praticadas nos espaços intra-urbanos, urbanos ou periurbanos, estando vinculadas às dinâmicas urbanas ou das regiões metropolitanas e articuladas com a gestão territorial e ambiental das cidades. (SANTANDREU; LOVO, 2007, p. 11).

No Quadro 1, são apresentados os sistemas utilizados na agricultura urbana e periurbana na América Latina e Caribe. Na localização urbana, destacam-se duas modalidades: as hortas caseiras e comunitárias e as micro hortas hidropônicas; já na área periurbana, há quatro modalidades: as hortas intensivas, hortas organopônicas, hortas integrais e as empresas hidropônicas de média escala. Cabe destacar que somente na área periurbana há o sistema empresarial/comercial em duas modalidades de produção que não se vinculam diretamente ao autoconsumo.

**Quadro 1. Sistemas utilizados na agricultura urbana e periurbana da América Latina e do Caribe**

<b>Sistema utilizado</b>	<b>Localização</b>	<b>Base tecnológica</b>	<b>Usuários</b>	<b>Orientação potencial</b>
Hortas intensivas	Periurbana	Manejo orgânico e inorgânico	Famílias em trabalho coletivo	Comercial
Hortas organopônicas	Periurbana	Manuseio e substrato orgânico	Individual ou coletivo	Autoconsumo/comercial
Micro hortas hidropônicas	Urbana	Soluções nutritivas, controle e reciclagem de materiais	Familiar	Autoconsumo
Hortas caseiras e comunitárias	Urbana	Manejo agrônomico convencional	Escolas ou grupos familiares	Autoconsumo/comercial
Hortas integrais	Periurbano	Depende do modelo produtivo. Geralmente convencional que inclui espécies animais.	Explorações escolares familiares coletivos	Autoconsumo/comercial
Empresas hidropônicas de média escala	Periurbana	Solução nutritiva recirculante	Empresa familiar	Comercial

Fonte: ZAAR (2011).

O ambiente em que é realizada constitui a principal diferença entre a agricultura rural e a urbana, pois esta “pode ser realizada em qualquer ambiente urbano ou periurbano, podendo ser praticada diretamente no solo, em canteiros suspensos, em vasos, ou onde a criatividade sugerir” (ROESE, 2003, p. 1). Locatel (2013, p. 89) lembra, porém, que com a “intensificação das relações torna-se cada vez mais difícil separar o rural do urbano, o que não significa que esses subespaços não existam”.

Segundo ainda o autor, “fica claro que cada vez menos as categorias de análise campo e cidade ou rural e urbano, tomadas como dicotômicas e opostas não servem para explicar a realidade territorial de um município, de uma região ou de um país” (LOCATEL, 2013, p. 89).

Mas, para Covarrubias (2011, p. 41), por sua vez, devido “às diferenças entre as condições do meio rural e urbano, assim como às interações da agricultura urbana com os sistemas ecológico e socioeconômico urbanos, a agricultura urbana frequentemente apresenta características distintas daquela convencionalmente praticada no campo”. No Quadro 2, são apresentadas as principais características de ambas as modalidades.

**Quadro 2. Comparação entre as características da agricultura rural e urbana**

<b>Característica</b>	<b>Agricultura Rural</b>	<b>Agricultura Urbana</b>
<b>Tipo de unidade agrícola</b>	Convencional, sistema agrícola consiste em subunidades interdependentes, normalmente extensiva.	Não-convencional, móvel e transitória; parcialmente sem solo (ex. sobre telhado, hidropônica) ou sem posse da terra, unidades especializadas e independentes, atuando em conjunto, normalmente intensiva.
<b>Agricultura como forma de vida</b>	Primariamente agrícola; dedicação em tempo integral.	Agricultura é frequentemente uma atividade secundária, dedicação em tempo parcial.
<b>Identidade do agricultor</b>	Geralmente já nascem agricultores, forte conhecimento agrícola tradicional.	Parte deles são iniciantes (cidadinos envolvidos na agricultura por necessidade ou opção), pouco conhecimento agrícola tradicional.
<b>Contexto social</b>	Comunidade rural, maioria das famílias envolvidas em atividades agrícolas, relativamente estável, poucos interessados externos, agricultores mais organizados.	Cidade, percentual variável de famílias envolvidas na agricultura, ambiente dinâmico, com alta flutuação, muitos interesses externos, contrastantes com agricultura, agricultores dificilmente organizados.
<b>Contexto político, econômico e cultural</b>	Mais homogêneo.	Mais heterogêneo.
<b>Uso da terra</b>	Geralmente estável para agricultura.	Competem no uso da terra (agrícola e não-agrícola).
<b>Produtos</b>	Culturas básicas (ex. grãos), criação animal de porte maior	Produtos perecíveis (hortaliças) criação animal de porte menor.
<b>Calendário agrícola</b>	Planejamento sazonal	Cultivos que podem ser produzidos o ano todo, ciclos de cultivos múltiplos.
<b>Fatores de produção</b>	Terra a baixo custo, menor custo da mão de obra, alto custo de insumos comerciais, custo da água variável.	Elevado custo/escassez da terra, alto custo de mão-de-obra, disponibilidade de resíduos orgânicos e água residual, água (potável) à elevado custo.
<b>Terrenos onde se produz</b>	Próprios ou arrendado, extensão relativamente média ou grande.	Baldios, cedidos ou no domicílio próprio, pequena extensão.
<b>Segurança da disponibilidade de terra para cultivar</b>	Relativamente alta.	Baixa, frequentemente uso informal de terras públicas, competição por espaço.
<b>Disponibilidade de pesquisa e extensão</b>	Frequentemente disponível.	Difícilmente disponível (porém individualmente estes podem ter acesso a bibliotecas e centros de pesquisa).
<b>Disponibilidade de serviços de crédito</b>	Frequentemente disponível.	Difícilmente disponível.
<b>Mercado</b>	Distante, uso de atravessadores, pouco processamento local.	Mais próximo do mercado, venda direta ao consumidor e cadeia informal, grau variável de processamento local.
<b>Destino dos produtos</b>	Distribuição regional, nacional ou para exportação.	Autoconsumo ou venda local.
<b>Apoio político</b>	Alta prioridade na agenda política.	Frequentemente políticas vagas ou inexistentes.
<b>Intervenção municipal</b>	Baixa ou nula.	Alta.

Fonte: Adaptado de DE ZEEUW (2004) e ARRUDA (2006) *apud* COVARRUBIAS (2011, p. 42-43).

Enfatizando as diferenças entre os dois meios de produção, Corbould (2013) pontua que a agricultura urbana

[...] pode ser vista como uma estratégia política no combate à fome e uma forma de aumentar a segurança alimentar sem o uso de agrotóxicos e com a perspectiva de uma economia mais solidária. Assim, esse tipo de prática pode transformar-se em um modelo de negócio. O crescimento da agricultura urbana é o resultado de um aumento global da migração das zonas rurais para as áreas urbanas. Nestas áreas, as populações urbanas são mais vulneráveis à insegurança alimentar, uma vez que dependem de fontes externas para as suas necessidades alimentares e, assim, expostos a maiores riscos de abastecimento (CORBOULD, 2013, p. 18).

Como importante meio de produção de alimentos, a agricultura urbana sempre esteve presente nas cidades e representa uma alternativa para os habitantes que, vindos do meio rural, passaram a morar nas cidades e encontraram, na atividade, uma oportunidade de continuar produzindo alimentos, não só para o autoconsumo como também para a comercialização dos produtos. Impacta, portanto, a vida dos agricultores “tanto de forma social como econômica, pois além de agregar renda e disponibilidade financeira, agrega alimentação saudável, qualidade de vida, envolvimento e interação entre as pessoas em torno de um propósito comum, conceito principal de capital social, empoderamento” (PIRES, 2016, p. 81).

Dessa forma, a agricultura urbana pode resultar em melhorias na segurança alimentar e nutricional, ampliando a disponibilidade de alimentos para a população mais carente, e garantindo a chegada de alimentos frescos para os consumidores de baixa renda, além de possibilitar a geração de ocupação e renda. Outro benefício a ser considerado está relacionado à questão ambiental, devido à sua capacidade de contribuir para a manutenção e recuperação de áreas verdes, o que pode favorecer o aumento da biodiversidade urbana.

A conscientização sobre a atividade e o incentivo à sua realização, em especial nas grandes cidades, podem gerar profundas transformações na qualidade de vida da população urbana. No entanto, a prática da agricultura urbana ainda carece de políticas públicas, principalmente, por óbvio, na esfera municipal.

Na próxima seção, serão abordados o processo histórico do município de Porto Ferreira, o perfil dos agricultores urbanos, os canais de comercialização e as empresas fornecedoras de mudas e outros insumos.

## PRÁTICA DA AGRICULTURA URBANA EM PORTO FERREIRA: AGENTES E ATORES

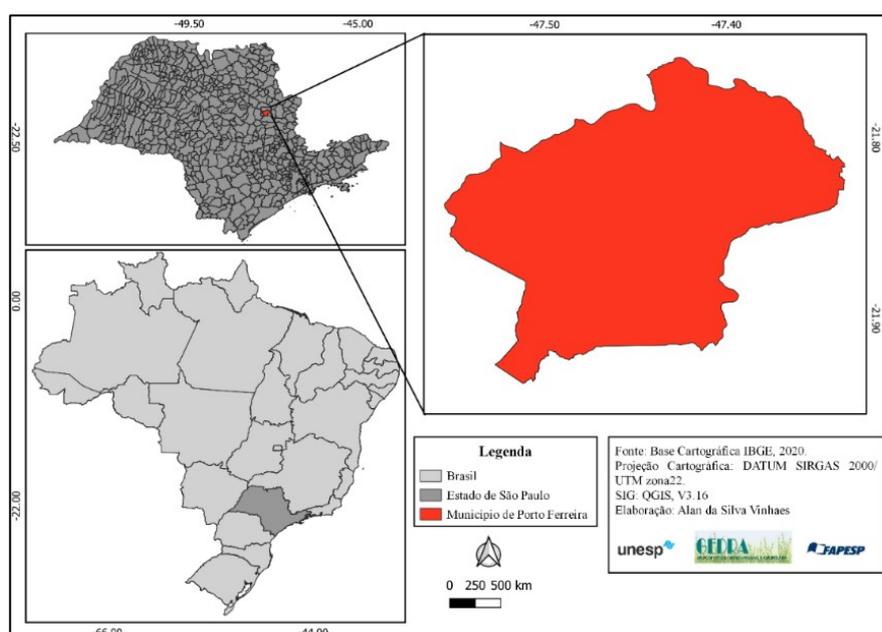
Para melhor compreender o processo histórico de formação da cidade de Porto Ferreira, tomamos como referências Teixeira (2009) e Oliveira (2005). Estes autores selecionaram três eventos que, em combinação com o processo de formação territorial do estado de São Paulo, denotam a complexidade espacial em que o município está situado: a ferrovia, a balsa e a navegação fluvial. Em seu conjunto, tais elementos revelam seus processos de ocupação e de formação territorial.

A elevação de Porto Ferreira a município se deu em 1896, “com território desmembrado de Pirassununga. Porto Ferreira perdeu, no início do século XX, a importância como porto fluvial. O primeiro aglomerado humano havido nesta região, que mais tarde deu origem ao município de Porto Ferreira, nasceu no bairro da Boa Vista” (IBGE, 2015, n.p.).

Como informa Oliveira (2005, p. 191), ali “se instalaram os primeiros moradores e para esse ponto é que se convergia a estrada que vinha de Pirassununga, e após a passagem sobre o rio Mogi Guaçu, bifurcava-se e se dirigia para Santa Rita do Passa Quatro e São Simão (à esquerda) e Casa Branca (à direita)”.

O município de Porto Ferreira (Mapa 1) “está situado a noroeste da capital do Estado, no eixo rodoviário que liga Campinas a Ribeirão Preto. Possui área total de 246 km<sup>2</sup>, da qual 33,27 km<sup>2</sup> (13,5%) compreendem a área urbana” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO FERREIRA).

**Mapa 1. Localização do município de Porto Ferreira**



Porto Ferreira conta, atualmente, com uma população de 54.102 habitantes, dos quais apenas 970 (1,8%) residem na zona rural (SEADE, 2020). A população urbana corresponde, portanto, a 98,2% do total, apesar de a área urbana representar apenas 13,5% de seu território. Entre os anos 1980 e 2010, a densidade demográfica do município praticamente dobrou, passando de 114,18 para 225,76 habitantes/km<sup>2</sup> e, tornando evidente a necessidade de medidas que garantam o suprimento das necessidades alimentares básicas dessa população (IBGE, 2010).

Conforme se verifica na Tabela 1, 99,3% dos domicílios de Porto Ferreira dispõem de abastecimento de água, 99,7% contam com serviço de coleta de lixo e aproximadamente 97% estão ligados à rede de esgoto.

**Tabela 1. Abastecimento de água, coleta de lixo e tratamento de esgoto sanitário de Porto Ferreira de 1991 a 2010**

Anos	Abastecimento de Água	Coleta de Lixo	Rede de Esgoto
1991	97,96	96,00	92,82
2000	98,67	98,80	95,54
2010	99,30	99,76	96,96

\* Nível de Atendimento - Censo Demográfico (Em %)

Fonte: Adaptado da Fundação Seade, 2021.

Porto Ferreira é a cidade mais industrializada da região, com um total de “429 empresas de pequeno, médio e grande porte, destacando-se as atividades de cerâmica, vidro, produtos alimentícios, material elétrico, têxtil, papelão e móveis. O setor comercial conta com 1.811 estabelecimentos comerciais” (SÃO PAULO, 2003, p. 19). Mas seu IDH é de 0,751, abaixo da média do estado de São Paulo (0,814), e a incidência média de pobreza é de 18,60% (IBGE, 2010), evidenciando a necessidade de políticas públicas voltadas à melhoria da qualidade de vida dessa parcela da população.

A Tabela 2 apresenta a variação do PIB de Porto Ferreira entre 2013 e 2018, em valores correntes, e sua participação em relação ao estado de São Paulo. Nota-se que nesse período (cinco anos) houve um aumento nominal de aproximadamente R\$ 10.000,00 *per capita*. Entretanto, se forem considerados valores constantes, com base na variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), os valores permaneceram praticamente os mesmos em termos reais, embora a participação do PIB do município sobre o total estadual tenha passado de 0,086% para 0,092%.

**Tabela 2. PIB per capita de Porto Ferreira em 2013 e 2018**

<b>Anos</b>	<b>PIB (Em mil reais correntes)</b>	<b>PIB per capita (Em reais correntes)</b>	<b>Participação no PIB do Estado (Em %)</b>
2013	1.482.660,11	28.368,13	0,086440
2014	1.654.753,28	31.478,34	0,089052
2015	1.573.236,6	29.755,01	0,081099
2016	1.864.746,12	35.106,39	0,091465
2017	1.975.018,49	36.965,70	0,093168
2018	2.051.153,96	38.262,79	0,092789

Fonte: Adaptado da Fundação Seade, 2021.

Corroborando a visão dos autores citados na seção anterior, a pesquisa de campo confirmou a prática de atividades agrícolas na área urbana, devido não só, mas também, à identidade do homem com os valores da vida rural, principalmente na produção do próprio alimento. Embora Covarrubias (2011) tenha demonstrado a carência de políticas públicas, bem como de legislação casual, setorial ou específica voltadas ao incentivo da agricultura urbana em Porto Ferreira, verifica-se que algumas iniciativas foram tomadas nesse sentido, desde 2006.

Por intermédio do Departamento de Promoção Social e do Fundo Social de Solidariedade, em 2006 foi instituído o Projeto Banco de Alimentos. Criado com o objetivo de preparar cestas de alimentos com produtos oriundos de doações de supermercados, feirantes e quitandas, para atender a população pobre da cidade, teve sua duração até o ano de 2012.

Em 2006 também foi aprovada a Lei nº 2.531, proposta pelo vereador Geraldo Domingos de Vicêncio, que dispunha sobre a criação do Programa de Hortas Comunitárias. Já em 2019, essa lei foi revogada, sendo criado, então, o Programa de Hortas Urbanas no âmbito do município de Porto Ferreira, por meio da Lei nº 3.505.

A primeira representou um marco inicial para a agricultura urbana na cidade, entretanto, a lei de 2019 trouxe novos dispositivos, tais como: a proibição da venda de produtos das hortas urbanas fora da área de atuação da comunidade; a proibição de realizar construções de estruturas permanentes nos espaços públicos ocupados pelas hortas; e destinação, a outros interessados, dos espaços cedidos que permanecerem sem uso por mais de sessenta dias. Como se observa, as políticas públicas vinculadas à agricultura urbana são muito recentes. Embora tenham significado um avanço em termos de reconhecimento e valorização da atividade por parte das esferas públicas e privadas, ainda há muitas lacunas e desafios a serem superados.

A agricultura urbana está presente em 20 bairros de Porto Ferreira, com cultivos distribuídos em diferentes áreas da cidade: cinco na zona sudoeste, um na zona sul, seis na zona leste, três na zona oeste e cinco na zona norte da cidade. Ainda que a pesquisa de campo tenha sido

realizada nas cinco zonas, não foi possível coletar informações em alguns bairros, pois os entrevistados não se sentiram à vontade para participar da pesquisa.

Na zona sudoeste da cidade, foram pesquisados agricultores urbanos dos seguintes bairros: Alto Serra d'Água, Centro Empresarial Ferreirense, Parque dos Laranjais, Jardim Santa Rosa I; na zona sul, apenas os do Parque Residencial Areia Branca; na zona leste, os do bairro Jardim Modelo; e por fim, na zona norte, os dos bairros Pascoal Salzano, Porto Bello e Parque do Redentor. Como se verifica na Tabela 3, dos 60 participantes da pesquisa, a grande maioria foi de agricultores das zonas sudoeste e norte da cidade.

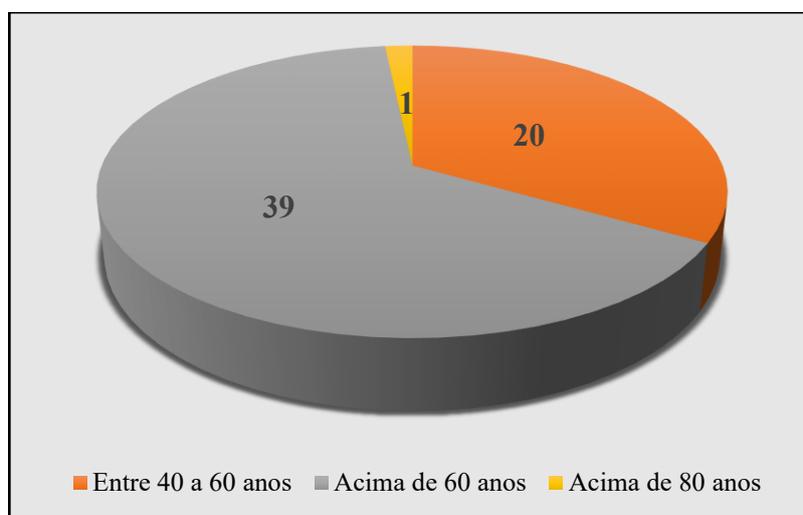
**Tabela 3. Número de agricultores urbanos pesquisados, por zona e por bairro de Porto Ferreira**

Zonas	Bairros	Nº de agricultores urbanos pesquisados
Sudoeste	Alto Serra d'Água, Centro Empresarial Ferreirense, Parque dos Laranjais, Jardim Santa Rosa I.	14
Sul	Jardim Residencial Areia Branca	4
Leste	Jardim Modelo	3
Oeste	Jardim Anésia	3
Norte	Pascoal Salzano, Porto Bello e Parque do Redentor	36

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Quanto à faixa etária dos entrevistados, 39 (65%) deles, à época da pesquisa, tinham mais de 60 anos. Cabe destacar que apenas um tinha mais de 80 anos (1,66%) e se dedicava à produção de hortaliças há mais de doze anos. Nenhum tinha idade inferior a 40 anos.

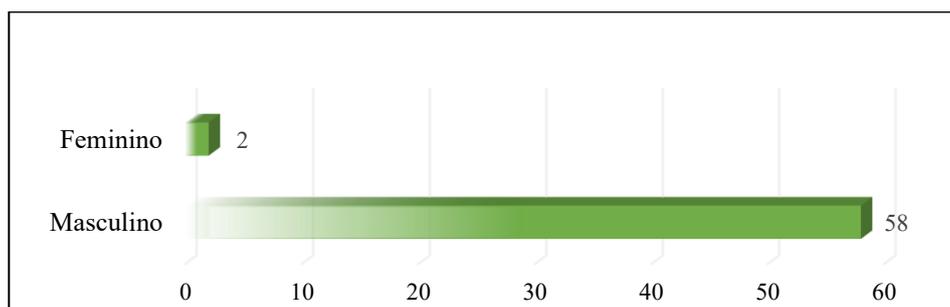
**Gráfico 1. Idade dos agricultores urbanos pesquisados em Porto Ferreira**



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Na pesquisa com os agricultores urbanos, ficou evidenciada a predominância de pessoas do sexo masculino na atividade, como demonstrado no Gráfico 2. As entrevistas, portanto, foram realizadas principalmente com chefes de família, que destacaram, todavia, a grande importância da ajuda de esposas, filhos e parentes nas tarefas do cultivo.

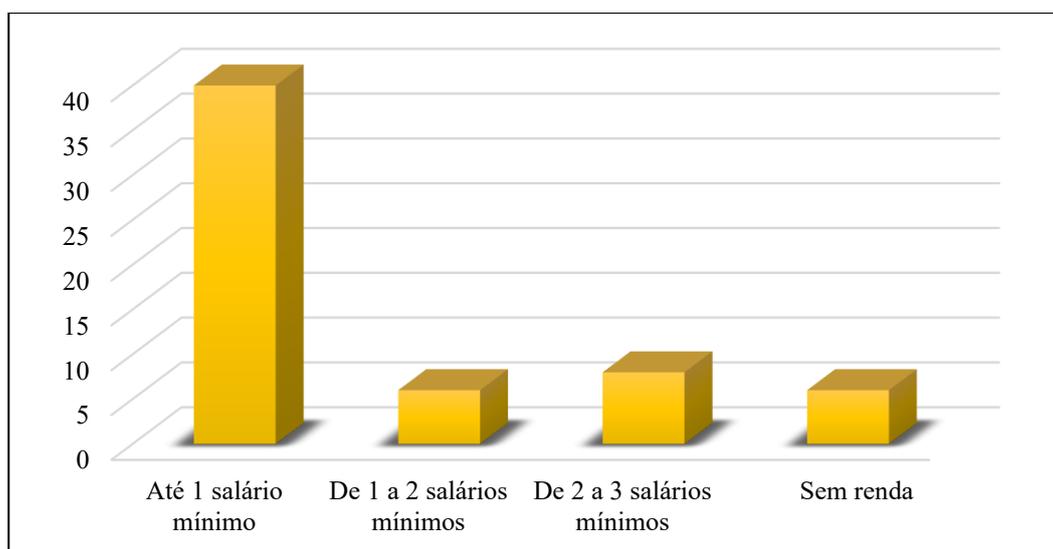
**Gráfico 2. Gênero dos agricultores urbanos pesquisados em Porto Ferreira**



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

No que concerne à renda média dos agricultores urbanos pesquisados, representada no Gráfico 3, dos 60 pesquisados, 40 possuem renda de até um salário mínimo; 6, de um a dois salários mínimos; 8, de dois a três salários mínimos; e 6 não possuem renda.

**Gráfico 3. Renda média dos agricultores urbanos pesquisados em Porto Ferreira**



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

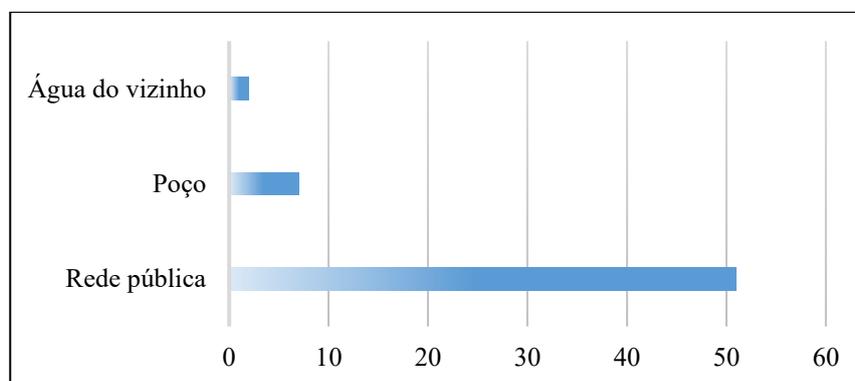
A totalidade dos agricultores pesquisados declarou que o preparo do solo e o plantio são feitos manualmente e, para a adubação, utilizam esterco e restos de vegetais. Os insumos e mudas

de plantas são adquiridos em empresas da cidade, como as citadas: Paraíso Plantas, Alternativa Viveiros, Bela Flora/Agroflora e Terra Tropical. Durante a pesquisa de campo, um dos agricultores assim se expressou:

[...] por ser uma cidade pequena, a gente tem convívio né e assim, quando precisa liga ou vai lá na empresa e algumas vezes eles dão até uma certa ajuda. Tem mais empresas na cidade, mas eu prefiro ir na mesma há anos, igual eu disse é cidade pequena e a gente se conhece né [...] (Pesquisado 1).

A água utilizada para irrigar os cultivos provém principalmente da rede pública, que é utilizada por 51 (85%) dos 60 agricultores urbanos pesquisados, enquanto 7 (11,67%) contam com poços artesianos e apenas 2 (3,33%) utilizam água fornecida por vizinho que, em troca, conforme acordo apalavrado, recebe algumas hortaliças e/ou frutas (Gráfico 4).

**Gráfico 4. Origem da água utilizada pelos agricultores urbanos pesquisados em Porto Ferreira**



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Para a maioria dos agricultores urbanos pesquisados (55 - 91,7%), a produção é destinada, principalmente, ao autoconsumo, pois, grande parte deles tem a aposentadoria como única fonte de renda. Estes dados corroboram os obtidos no trabalho de campo desenvolvido por Covarrubias (2011), evidenciando o predomínio da produção para o autoconsumo, porém, em proporção ainda maior ao constatado pela pesquisadora. Apenas dois agricultores urbanos (3,4%) pesquisados comercializam os produtos na feira livre, e três (5%), diretamente com os supermercados Serv Bem e Pag Menos.

Na Foto 1, são mostrados produtos da agricultura urbana, destacando-se as seguintes hortaliças: salsinha, salsão, cebolinha, coentro, hortelã, alface crespa e couve-manteiga.

**Foto 1. Cultivo de hortaliças em Porto Ferreira**



Fonte: Acervo do primeiro autor, 2020.

Algumas árvores frutíferas são também cultivadas, como abacate e limão-taiti, assim como acerola, jaboticaba e outras frutíferas, cujo cultivo foi igualmente verificado na pesquisa de campo.

Quanto ao tipo de hortaliças produzidas, verificamos, no trabalho de campo, que quase todos os agricultores urbanos pesquisados cultivam alface de distintas variedades, com destaque para a lisa, a crespa e a americana. Também é muito recorrente o cultivo de outras folhosas, tais como almeirão roxo, almeirão japonês, couve-manteiga, couve-flor, rúcula, hortelã, salsa e salsinha. Legumes como berinjela, abobrinha, pimentão, rabanete e chuchu são comumente cultivados, além de algumas raízes, principalmente a mandioca.

Os dirigentes de duas das empresas fornecedoras de insumos e mudas citadas pelos agricultores urbanos – a Terra Tropical e a Alternativa Viveiros – aceitaram participar da pesquisa e foram entrevistados. Nas visitas durante o trabalho de campo, constatou-se que a primeira possui melhor estrutura do que a outra. No entanto, as duas são importantes para os agricultores urbanos.

A Terra Tropical, fundada em 2005, tem como principal ramo a jardinagem e meio ambiente e possui grande variedade de flores, plantas e sementes. Produz mudas, também, para venda. O entrevistado relatou:

[...] vendemos bastante aqui no Porto (sic), mas atendemos a região sim, Santa Rita do Passa Quatro; Pirassununga; Descalvado; sempre tem alguém que vem, o que ajuda muito é a avenida do comércio do outro lado da Anhanguera; e tem bastante lojas ali na avenida que vendem plantas e compram conosco, como os arranjos; mudas de arvores frutifera, só não compram mudas de hortaliças, que é algo mais para um público específico para vender [...].

De acordo com o relato, os clientes da Terra Tropical são pessoas que compram suas mercadorias para uso próprio ou que adquirem mudas para serem revendidas em outros

estabelecimentos comerciais, como as lojas de rações, por exemplo. A Foto 2 mostra a produção de mudas de alface crespa que são vendidas aos comerciantes e agricultores de Porto Ferreira e região.

**Foto 2. Mudanças de alface crespa da empresa Terra Tropical**



Fonte: Acervo do primeiro autor, 2020.

A segunda empresa, a Alternativa Viveiros (Foto 3), foi fundada em 15 de dezembro de 1998 e localiza-se na zona sudoeste da cidade. Tem como principal atividade econômica o comércio atacadista de sementes, gramas, flores e plantas ornamentais. Durante o trabalho de campo, foi possível observar que lá se utiliza o sistema de irrigação por aspersão.

**Foto 3. Empresa Alternativa Viveiros**



Fonte: Acervo do primeiro autor, 2020.

O entrevistado informou que a empresa também realiza poda de árvores, limpeza de terrenos, aplicação de herbicidas, instalação e manutenção de jardins residenciais, além do plantio de mudas arbóreas em áreas de reserva legal, áreas de proteção permanente (APP), loteamentos e condomínios.

Os insumos utilizados na produção das mudas são produzidos no próprio local:

[...] temos insumo daqui mesmo, vendemos bastante dele, o preço vai da quantidade que a pessoa quer (...) sobre a lista de mudas produzidas aqui no viveiro por espécie, não temos não, é tudo de cabeça sabe, organiza no cantinho tudo daquela espécie tal, é um trabalho de memória [...].

Quanto aos canais de comercialização utilizados pelos agricultores urbanos pesquisados em Porto Ferreira, destacam-se os pontos de venda localizados nos locais de produção, a venda em domicílio, a comercialização na feira livre da cidade e em pequenos supermercados.

O processo de comercialização é importante para as cadeias de produtos agrícolas, “pois, permite que um produto ou serviço depois de transformado, torne-se disponível para venda e chegue até o consumidor final” (RODRIGUES, 2016, p. 18). Kotler (1998, p. 466) complementa, afirmando que os canais de comercialização “são conjuntos de organizações interdependentes envolvidas no processo de tornar-se um produto ou serviço disponível para uso ou consumo”.

No Quadro 3, são mostrados os tipos de canal de comercialização segundo o comprimento, isto é, considerando o caminho que percorre a mercadoria – mais longo ou mais curto – do produtor ao consumidor.

**Quadro 3. Tipos de canal de comercialização segundo o comprimento**

<b>Tipo de canal de comercialização</b>	<b>Definição</b>	<b>Exemplos</b>
Canal de Nível 0	Produtor que vende diretamente ao consumidor final	Feiras livres, vendas diretamente nas residências ou a cooperativas de consumidores.
Canal de Nível 1	Canal que possui um intermediário (varejista) na comercialização.	Supermercado, frutarias, açougues.
Canal de Nível 2	Canal que possui dois intermediários (varejistas e atacadistas).	Centrais de distribuição, atacados restaurantes.
Canal de Nível 3	Canal que possui três intermediários (processadora de alimentos, atacadista e varejista).	Agroindústrias em geral, cooperativas agropecuárias <i>packing house</i>
Canal de Nível 4	Canal que possui quatro intermediários.	<i>Trading</i> de exportação, centrais de abastecimento.

Fonte: Waquil, Miele e Schultz (2010, p. 59 adaptado de KOTLER, 1998).

O canal de nível 0, mencionado no Quadro 3, é o mais recorrente entre os agricultores urbanos pesquisados em Porto Ferreira, tendo em vista que 57 dos 60 participantes do estudo vendem seus produtos diretamente em suas próprias residências ou de porta em porta. A venda em feira livre foi citada por apenas dois deles, entretanto, devido à pandemia da Covid-19 e às medidas decorrentes, as feiras foram paralisadas. Posteriormente, foram utilizados como meio de comercialização o sistema *drive-thru* e as redes sociais (*Facebook, Instagram, WhatsApp*). Em suma, 95% dos agricultores urbanos pesquisados utilizam o canal de nível 0, enquanto os 5% restantes se enquadram em duas categorias: canal de nível 0 e canal de nível 1.

Como mencionado anteriormente, três dos agricultores urbanos pesquisados comercializam seus produtos com os supermercados Serv Bem e Pag Menos, estabelecimentos de

pequeno porte localizados nos bairros Vila São Pedro (zona leste) e Porto Bello (zona norte), onde é forte a presença da agricultura urbana.

O supermercado Serv Bem foi fundado no ano de 2000. Seu proprietário (já falecido) era chamado de Kitão e supervisionava a loja com os filhos e a mulher. Atualmente, os dois filhos, juntamente com suas respectivas esposas, tocam o negócio.

Durante a entrevista com um dos proprietários, foi relatado que os produtos adquiridos dos agricultores urbanos são, em grande maioria, alface-crespa, rúcula, cebolinha, salsinha, coentro e couve-manteiga. As frutas são adquiridas de produtores da região. Inquirido sobre a previsão de ampliar, futuramente, a aquisição de produtos dos agricultores urbanos, respondeu que acha pouco provável, porque costuma adquirir a maior parte das folhosas de um primo seu, produtor que utiliza o sistema hidropônico. Esse parente, afirmou, entrega os produtos há anos, na quantidade requerida e com regularidade.

Segundo o entrevistado, o Serv Bem não comercializa produtos orgânicos e/ou agroecológicos, nem há qualquer projeto para que, no futuro, passe a vendê-los, pois eles têm preço muito alto, o que não cabe no orçamento das pessoas que vivem no bairro e são seus clientes.

Já o supermercado Pag Menos, localizado no bairro Porto Bello, zona norte da cidade de Porto Ferreira, foi fundado no ano de 2007 e continua com o mesmo proprietário até hoje. Durante a entrevista, ele relatou que os produtos advindos dos agricultores urbanos chegam semanalmente:

[...] a compra dos produtos é realizada sempre às segundas e sextas, pois a segunda é para a venda da semana, sabe, e às sextas, a gente compra justamente para o fim de semana, onde as pessoas vêm com mais frequência para fazerem suas compras; tudo se vende mais no fim de semana, parte de açougue, padaria, bebidas, ainda mais que as pessoas do bairro trabalham durante a semana e só sobra o tempinho para vir aos sábados e domingos.

O produto mais adquirido dos agricultores urbanos é a alface crespa, seguida de almeirão, salsinha, coentro e couve-manteiga. Os itens mais comprados dos agricultores urbanos são também os que vendem mais. Neste estabelecimento não há, igualmente, nenhum projeto futuro para inserir outros produtos, como orgânicos, agroecológicos etc., pois o custo é elevado demais para a população do bairro do Porto Bello, que possui baixa renda.

[...] o custo é alto sabe, comprar esses tipos de produtos é perder dinheiro aqui, o povo procura coisas em conta, tipo o que vende mais, um pé de alface a R\$ 1,99 ou a alface orgânica, pré-lavado com o custo de R\$ 8,00 reais? Tipo não tem como, compramos aquilo que conseguimos vender, senão é prejuízo.

Por fim, embora comercializem com os agricultores urbanos, ambos os supermercados pesquisados adquirem a maior parte das hortaliças de um produtor local que utiliza o sistema

hidropônico de produção, porque ele produz em grandes quantidades e tem capacidade para atender a demanda e com a regularidade requerida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa de campo realizada em Porto Ferreira permitiu analisar as ações do poder público municipal no apoio à agricultura urbana, bem como as características da atividade e o perfil dos produtores atuantes nos bairros em que ela é mais expressiva. A zona norte da cidade, por exemplo, onde estão localizados os bairros cuja população possui nível de renda mais baixo, é também a área que concentra a maioria dos agricultores urbanos.

Entre os que comercializam seus produtos, os principais canais utilizados são a feira livre e os pequenos mercados de bairro, como os dois citados – Serv Bem e Pag Menos. Cabe destacar, porém, que eles compram verduras principalmente de um produtor que desenvolve o sistema hidropônico, em propriedade localizada na área urbana, e que fornece suas mercadorias também aos grandes supermercados da cidade (Compre Bem, Vila Rica, Supermercados Fonseca e Padona Box). Quanto à feira livre, apenas dois, entre os agricultores pesquisados, declararam utilizar esse meio.

As ações do poder público municipal, como ficou demonstrado, não atingem todos os agricultores urbanos, possivelmente devido a falhas de comunicação entre as partes. Alguns dos entrevistados mencionaram a demora e a baixa qualidade do atendimento nos órgãos oficiais, problemas, segundo eles, que dificultam ainda mais a sua já difícil atividade.

A análise dos dados permitiu evidenciar, no entanto, que a agricultura urbana é uma atividade importante em Porto Ferreira e vem representando oportunidade de ocupação para famílias inteiras, constituindo, em muitos casos, a única fonte de renda, ou um complemento importante, além de propiciar a melhoria da qualidade da alimentação, pois boa parte da produção se destina ao autoconsumo, como é o caso da maioria dos produtores pesquisados no município.

O cultivo de alimentos nas cidades, a chamada agricultura urbana, emerge como estratégia efetiva de âmbito local para produção, processamento, circulação e consumo de alimentos, contribuindo, assim, para a segurança alimentar e a melhoria da nutrição de seus habitantes. Por isso, ressalta-se a importância do desenvolvimento de políticas públicas que fortaleçam a prática de produzir alimentos em áreas urbanas, voltada ao atendimento de diferentes grupos sociais.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que concedeu a bolsa de mestrado e os recursos de custeio necessários para a realização da pesquisa (processo 2018/25731-1).

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Juliana; DUTRA, Pamella G.; SOUZA S. Raphaella; MALUF, Renato S.J. Identificação dos atores sociais que participam ou estimulam ações de agricultura urbana relevantes no Município do Rio de Janeiro. In: **XX JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA da UFRRJ**, 2011, Seropédica. 20 anos da Jornada de Iniciação Científica da UFRRJ: A diversidade na pesquisa. Seropédica: EDUR, 2011.

CORBOULD, Claire. **Feeding the Cities: Is Urban Agriculture the Future of Food Security?** Strategic Analysis Paper. 2013. Disponível em <http://www.futuredirections.org.au/publication/feeding-the-cities-is-urban-agriculture-the-future-of-food-security/> Acesso em: 23 dez. 2021.

COVARRUBIAS, Juliana Duz Ricarte. **Agricultura Urbana em Porto Ferreira - SP: mapeamento, caracterização e tipificação**. 2011, 299 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

FERREIRA, Rubio José; CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. AGRICULTURA URBANA: DISCUTINDO ALGUMAS DAS SUAS ENGRENAGENS PARA DEBATER O TEMA SOB A ÓTICA DA ANÁLISE ESPACIAL. **Revista de Geografia. Recife**: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, n 2, mai/ago. 2007.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). Disponível em <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/tabelas> Acesso em 18.dez.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censos Demográficos. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados> Acesso em: 17 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html> Acesso em: 15 dez. 2021.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 1998.

LOCATEL, Celso Donizete. Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. especial (2)., p. 85-102, set. 2013.

MOUGEOT, Luc J. A. Agricultura Urbana – conceito e definição. **Revista Agricultura Urbana**, nº 01. Jul./ 2000. Disponível em: <http://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/AUrevista> . Acesso em: 17 jan. 2022.

OLIVEIRA, Flávio da Silva. **História e Estórias de Porto Ferreira**. 1º ed. Editora Gráfica São Paulo, Porto Ferreira: p. 288, 2005.

PIRES, Vicente Chiamonte. Agricultura Urbana como Fator de Desenvolvimento Sustentável: Um Estudo na Região Metropolitana de Maringá. **Revista Pesquisa & Debate**. São Paulo. Vol. 27. Número 2 (50), p.69-84, Dez 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO FERREIRA. Disponível em <https://www.portoferreira.sp.gov.br/dados-gerais>> Acesso em 18. dez .2021.

ROESE, Alexandre Dinnys. **Agricultura urbana**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2003.

RODRIGUES, Felipe Nogueira. **Caracterização e análise dos canais de comercialização nos assentamentos de Guarantã do Norte**. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) em Gestão do Agronegócio - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2016, p. 36.

ROSA, Pedro Paulo. Políticas públicas em agricultura urbana e periurbana no Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-17. Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana Cristina. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção**: identificação e caracterização de iniciativas de agricultura urbana e periurbana em regiões metropolitanas brasileiras. 2007. Disponível em: <http://www.rede-mg.org.br/?iid=56>> Acesso em: 08. dez .2021.

SÃO PAULO. Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>> Acesso em 07.dez. 2021.

TEIXEIRA, João. **Porto Ferreira sua história, seus costumes, suas tradições e sua gente**. 1º ed. Porto Ferreira: maio/2009.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Urban Agriculture: food, jobs and sustainable cities**. United Nations Development Programme. New York: Publication Series for Habitat II, v. 1, 1996.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Agricultura Urbana em Porto Alegre: Dinâmicas Socioeconômicas no Espaço Local. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeeducacionais**, v. 6, p. 298-312, 2015.

ZAAR, M-H. Agricultura Urbana: Algunas Reflexiones sobre su origen e importancia actual. **Revista Bibliografica de Geografia Y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. XVI, nº 944, p. 1-16, Outubro/2011. Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-944.htm>> Acesso em 10. Jan. 2022.

ZEZZA Alberto; TASCIOTTI Luca. **Urban agriculture, poverty, and food security**: Empirical evidence from a sample of developing countries. Agricultural Development Economics Division, Food and Agriculture Organization (FAO), Rome, Italy, 2010.